

“ ENTREVISTA ”

Presidente da Câmara dos Arcos de Valdevez analisa primeiro ano e revela projeto **Reabilitação do Cineteatro Alameda vai albergar Centro para Ecocidadania**

Ao fim do primeiro ano deste seu primeiro mandato como presidente da Câmara de Arcos de Valdevez, João Manuel Esteves traça um balanço positivo das ações que concretizou. Olhando para trás, aponta como dificuldades os constrangimentos financeiros e o peso burocrático de alguns processos. Quanto ao futuro, o autarca aponta dois projetos. A construção do Centro para Ecocidadania no antigo Cineteatro Alameda, e o Centro Social em Loureda.

JOSÉ CARLOS FERREIRA

DIÁRIO DO MINHO (DM) – QUAL É O BALANÇO QUE FAZ DESTE PRIMEIRO ANO DE MANDATO?

João Manuel Esteves (JME) – O balanço que faço é positivo. Mas, também seria estranho que não fizesse um balanço positivo daquilo que temos feito. E aquilo que temos feito tem sido fruto do envolvimento da Câmara, das Juntas de Freguesia, da Assembleia Municipal, do movimento associativo e dos arcuenses. Isso tem-me permitido que ao longo deste ano tenhamos feito um conjunto de intervenções em diversas áreas que eu reputo de muito importantes.

DM – QUAIS?

JME – Na área da Seguran-

ça, onde estamos a terminar as obras do quartel da GNR; no âmbito da Saúde, onde estamos a melhorar todos os acessos em volta do Centro de Saúde; na valorização e promoção do património, onde estamos a concretizar a grande obra que é o Paço de Giela, estamos a apoiar a reconstrução e reabilitação da casa do Castelo de Sistelo, e estamos envolvidos na recuperação de muito património religioso. Nós demos um forte impulso àquilo que foi a Porta do Mezio, à estratégia de promoção do território, nomeadamente com a reserva da biosfera declarada pela UNESCO; estamos a fazer um centro de promoção de produtos locais na área da Porta do Mezio; temos feito imensas obras,



O presidente da Câmara de Arcos de Valdevez realçou várias obras concretizadas

quer de melhoria de acessibilidades com as Juntas, quer de melhoria de infraestruturas básicas, e temos tido um grande parceiro na dinamização cultural, social e recreativa do nosso concelho.

DM – QUEM?

JME – Estou a referir-me

à Casa das Artes, que é o polo difusor de toda a animação, e ao movimento associativo, que tem tido um papel muito preponderante e dinâmico em várias zonas do concelho, para diversos públicos. Isso tem permitido, na estratégia de promoção do concelho, fazermos um trabalho que

considero muito importante de promoção das nossas potencialidades.

DM – TEM SIDO UM TRABALHO PARTILHADO?

JME – Sim, tem sido um trabalho partilhado, de grande proximidade com aqueles que estão no terreno e com os arcuenses.

Não é possível imaginar, quer a diversidade de temas, quer a complexidade de alguns deles, que isto seja o trabalho só de uma pessoa, ou de um grupo de pessoas. Tem que ser um trabalho de todos, envolvendo todos, não só dos arcuenses que cá moram,

Cont. na pág. 15

«O que temos feito tem sido fruto do envolvimento da Câmara, das Juntas, da Assembleia Municipal, do movimento associativo e dos arcuenses»

«Uma dificuldade tem sido, sem dúvida alguma, do ponto de vista financeiro. Não é fácil em tempos de crise encontrar os meios adequados e necessários para aquilo que consideramos que seja o imprescindível»

Excesso burocrático é uma dificuldade

Cont. da pág. 14

mas também os que estão espalhados pelo mundo, e com as instituições com que nos relacionamos.

DM – QUAIS AS DIFICULDADES QUE ENCONTROU NESTE PRIMEIRO ANO?

JME – Uma dificuldade tem sido, sem dúvida alguma, do ponto de vista financeiro. Não é fácil em tempos de crise encontrar, às vezes, os meios adequados e necessários para aquilo que consideramos que seja o imprescindível. Mas temos feito uma gestão rigorosa que nos tem permitido alavancar alguns projetos, e dar um apoio significativo àquelas pessoas que mais necessitam. Outra dificuldade tem sido o peso burocrático de alguns processos, o que às vezes não é compatível entre aquilo que queremos, que pretendemos fazer, e o “timing” em que o vamos fazer.

DM – É PRECISO MAIS Celeridade?

JME – É preciso mais celeridade de alguns processos, quer mesmos os que a própria Câmara, por si, é obrigada a impôr aos municípios.

DM – HÁ UM ANO, UM DOS SEUS OBJETIVOS ERA A REESTRUTURAÇÃO URBANA. COMO ESTÁ O PROCESSO?

JME – Estamos a avançar. Neste momento estamos na fase de conclusão da revisão do Plano de Urbanização da sede do Concelho. Entretanto, desde essa altura até agora, temos implementado uma área de reabilitação urbana, o que permite aos privados ter substanciais benefícios fiscais na reabilitação de património. Isto permite, por outro lado, que haja maior dinamismo em termos de visitantes, comerciais e na construção civil. Nós estamos também a fazer



João Manuel Esteves está a concluir o Plano de Urbanização da sede do concelho

na zona ribeirinha, com a Faculdade de Ciências da Universidade do Porto, todo um plano de reabilitação, naquilo que chamamos de Ecoparque do Vez, reforçando a estratégia de valorização daquilo que é a reserva mundial da biosfera. Está em fase de execução um circuito biossaudável ao longo das margens. Nós estamos também a fazer intervenções ao nível das ruas.

DM – QUAL O GRANDE PROJETO QUE PRETENDE CONCRETIZAR?

JME – Um dos grandes projetos que queremos colocar em cima da mesa é o Centro para Ecocidadania da Reserva da Biosfera do Parque Nacional da Peneda-Gerês. Para isso

vamos reabilitar o antigo Cineteatro Alameda. Será um espaço interpretativo, lúdico e científico, um espaço de promoção e divulgação daquilo que nós temos. Ou seja, de um território fabuloso que tem uma distinção mundial reconhecida pela UNESCO. Ao mesmo tempo, queremos que, enquanto cidadãos, tenhamos que nos ir adequando a essa realidade, isto é, que nos transformemos naquilo que é um ecocidadão, ou seja, um cidadão que se interessa pelo desenvolvimento da sua terra, mas um desenvolvimento articulado, sustentável com base no social, o económico, o ambiental e o cultural, que permita haver progresso.

DM – ESTE PROJETO É PARA ESTAR PRONTO QUANDO?

JME – Nós, neste momento, estamos a elaborar o projeto. Eu gostaria imenso que ele fosse objeto de financiamento no Quadro Comunitário. Não é um projeto que eu diria de grandes vultos económicos, mas esperamos que seja um virar o enfoque grande para a ecocidadania, não apenas para Arcos de Valdevez, mas numa abrangência regional. Portanto, que se assuma claramente que nós estamos num espaço de excelência ambiental. E não é só o nosso concelho, ou os cinco concelhos do PNPG. Na verdade, é importante que tenhamos todos a percepção que em Portugal continental existem três

reservas da biosfera e que a única habitável, a única transfronteiriça é o PNPG e a sua reserva da biosfera, que é um fortíssimo motivo de atração de visitantes e de pessoas para segunda residência.

DM – HÁ UM ANO DEFENDIA UM TRABALHO EM PROL DA COESÃO SOCIAL. HOJE ARCOS DE VALDEVEZ EM MAIS COESO NESTA ÁREA?

JME – Eu acho que é mais coeso. Se o trabalho está feito? Eu respondo que não. Este é um trabalho que nunca vai estar feito, é um trabalho em que todos temos de estar empenhados nele. Do ponto de vista territorial, nós temos que nos fortalecer todos. Não podemos ter todos a mesma coisa, portanto temos que criar um equilí-

brio. E que esse equilíbrio depois sirva para o todo. Por isso é que nós temos um plano de investimento na área do PNPG, mas estamos a investir fortemente na expansão e na modernização das nossas zonas industriais. E temos ideias de valorização para outras zonas do concelho. Estamos a fazer a Ecovia do Vez, que atravessa todo o vale do Vez.

DM – HÁ UM ANO TINHA ALGUNS PROTESTOS DA POPULAÇÃO DA ZONA NORTE DO CONCELHO?

JME – Sim. E, o que nós estamos a fazer é a tentar valorizar essas intervenções. Por isso, nós estamos a fazer obras de abastecimento de água, de saneamento, de arranjos exteriores, e a apoiar obras de cariz social. Por isso é que apoiamos a ampliação do Centro Social e Paroquial de Rio Frio. Agora temos um projeto com o qual queremos avançar, que é um centro social a Norte do concelho. Esse equipamento, com valências como lar de idosos, vai abarcar a área de 16 freguesias. Não é um processo fácil porque temos que estar todos imbuídos do mesmo espírito. Contudo, tem-me deixado particularmente satisfeito a reatividade por parte das Juntas de Freguesia e de algumas comissões fratriqueiras relativamente a esse objetivo.

DM – COMO ESTÁ ESSE PROCESSO?

JME – Já temos um estudo prévio. Ele ficará concumitante com a extensão do Centro de Saúde que temos em Loureda, até para potenciar os dois equipamentos e aumentar a presença de médico naquela zona por via daquilo que se pode fazer a partir do lar de idosos. Este é o grande projeto porque vai, pela primeira vez, juntar 16 freguesias.

“

O novo Centro Social «ficará concumitante com a extensão do Centro de Saúde que temos em Loureda, até para potenciar os dois equipamentos»